

CAMINHOS CRUZADOS, VIDAS ENTRELAÇADAS NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFBA: PROEDSEX, GEFIGE E NEIM

Izaura Santiago da Cruz¹
Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes²

RESUMO

Este artigo celebra os 40 anos do NEIM, apresentando como se desenvolveram as dimensões – ensino, pesquisa e extensão no campo da sexualidade, na Universidade Federal da Bahia, a partir do Programa de Educação Sexual, do Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. A escrita do texto foi feita “a quatro mãos”, em um diálogo entre duas pesquisadoras que partem de lugares geográficos e acadêmicos diferentes, mas que se encontram, e atuam colaborativamente em grupos de pesquisa e extensão cujas trajetórias se articulam com o NEIM.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidades; PROEDSEX; GEFIGE; NEIM

ABSTRACT

This article celebrates the 40th anniversary of NEIM, presenting how the dimensions of teaching, research and extension in the field of sexuality have developed at the Federal University of Bahia, based on the Sexual Education Program, the Philosophy, Gender and Education Study Group and the Center for Interdisciplinary Studies on Women. The text was written "by four hands", in a dialog between two researchers who come from different geographical and academic places, but who meet and work collaboratively in research and extension groups whose trajectories are articulated with NEIM.

Keywords: Gender; Sexualities; PROEDSEX; GEFIGE; NEIM

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. É especialista em Sexualidade Humana, pela UNESA-RJ, Mestre e Doutora em Ensino Filosofia e História das Ciências pela UFBA/UEFS. Atualmente é professora Adjunta da Faculdade de Educação e também atua como Coordenadora de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades - NuCuS/UFBA.

² Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia ? UFBA. Professora Adjunta (aposentada) da UFBA. Pesquisadora e extensionista na área de Educação, com ênfase em Educação Sexual, Formação Docente, Educação a Distância, Memória e Relações de Gênero. Atuou também na UAB - Universidade Aberta do Brasil pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia e na Plataforma Freire pela UFBA.

Primeiras Palavras³

Numa dialogicidade programada, vamos introduzir este texto com depoimentos sobre o início de nossas experiências e vivências no campo da sexualidade humana.

Minha trajetória acadêmica, ou melhor, o retorno a ela, após um intervalo de oito anos (de maternagem solo, mudança de estado, estabilização em um emprego e etc.) foi certamente impactada pelas minhas relações profissionais, acadêmicas, mas, sobretudo afetivas, com esses três grupos de pesquisa. E falar dessa trajetória, não seria possível, ou pelo menos, não seria justo, sem a presença de Tereza Cristina Fagundes. Essa mulher que, como já disse em um agradecimento da minha dissertação de mestrado, “[...] praticamente me pegou pela mão e conduziu à pesquisa na área da sexualidade, com muito estímulo e afeto, no momento em que eu ainda engatinhava nessa área (CRUZ, 2008)”. Portanto, esse artigo trata de memória, afetos e produção acadêmica “tudo junto e misturado” (CRUZ, 2023).

Comigo a trajetória acadêmica começou ainda estudante do curso de Pedagogia, ao me tornar monitora no Instituto de Biologia da UFBA. Experiências com novas metodologias foram determinantes para a minha vinculação a uma unidade, eminentemente constituída por profissionais de Biologia e de outros cursos da área da Saúde. Uma diretora⁴ com visão contemporânea apostou na atuação de uma profissional de educação em formação, para ‘revitalizar’ o curso, como ela dizia. Imediatamente após a minha graduação, passei a ser professora do Instituto, uma ‘ousadia’ ímpar, para quem, aos vinte e dois anos, assumiu a docência do componente curricular Fundamentos Biológicos da Educação, da matriz curricular do curso de Pedagogia. E logo propus mudanças. A primeira foi trocar o ponto definido como “a problemática biológica da adolescência” para “adolescência: aspectos biopsicossociais”. Entendendo o tripé que define uma universidade, já cursando o Mestrado em Educação, logo comecei a desenvolver Pesquisas e efetivar ações de Extensão, como descreverei a seguir. (FAGUNDES, 2023).

Desta forma, estimuladas pelas trajetórias e experiências em comum, este artigo celebra os 40 anos do NEIM, apresentando como se desenvolveram as dimensões – ensino, pesquisa e extensão no campo da sexualidade, na Universidade Federal da Bahia, a partir do Programa de Educação Sexual (narrativa de FAGUNDES), Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação (narrativa de CRUZ e FAGUNDES) e Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (narrativa de CRUZ).

³ Parafraseando Paulo Freire em **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 1992. p.5.

⁴ **Dra Cora de Moura Pedreira** – médica e naturalista, grande pesquisadora e educadora da UFBA por mais de 40 anos.

PROEDSEX – Fazendo História Da Educação Em Sexualidade Na Bahia, No Período Da Redemocratização Do Brasil

O final do regime Militar no Brasil estabeleceu, progressivamente, a reconstrução da democracia, chamada de redemocratização. Vivi o início deste processo como estudante e depois como professora da universidade. Demandas da sociedade construíram um cenário que desencadeou mudanças também na educação. Acompanhamos e também almejamos um ensino mais voltado para a prática, atendendo à solução de problemas transpondo o conteúdo teórico supervalorizado em tempos anteriores. Os conteúdos precisavam ser sempre significativos tanto para o ser aprendente como para os educadores. Metodologias alternativas foram experimentadas em busca da apreensão de saberes, do desenvolvimento da inteligência intrapessoal e de habilidades interpessoais. E tratei de fazer a minha parte, como decisão política e pedagógica. Continuei com a atuação no Ensino e, como Extensão, calcada na Pesquisa, propus a realização de atividades que atendessem à demanda social, principalmente dos profissionais de Pedagogia e outras Licenciaturas, da rede pública e particular de ensino.

Evidenciei, desde os primeiros diagnósticos, que as dificuldades mais marcantes de docentes eram a ausência de formação pgressa em sexualidade, a insegurança em planejar e implementar ações educativas na área para crianças, adolescentes e adultos, a falta de uma legislação que referendasse esta educação (isso no início dos anos 1980) bem como a ausência de subsídios formativos em caráter efetivo ou permanente. Formar educadoras/es passou a ser, então, a tônica de minhas ações acadêmicas (FAGUNDES, 1995).

Entendendo a Extensão como [...] “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (BRASIL, 2001. p. 5), implementei, continuamente ações educativas no campo da sexualidade, em especial: ciclos de estudo, seminários, jornadas, oficinas e cursos. Destaco que, essas atividades foram, marcadamente, planejadas de forma participativa com professoras/es a quem se destinavam, bem como

com uma equipe de colegas da universidade e da comunidade externa que, acreditando na proposta, associaram-se a mim neste projeto⁵.

Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (BRASIL, 2001. p. 5).

O ensino e a extensão se consolidam com a produção científica, e assim desenvolvi projetos de pesquisa com a participação, também, de estudantes de graduação e de pós-graduação, vinculados ao Programa de Iniciação Científica/PIBIC/UFBA, e depois ao mestrado e doutorado em educação.

Estabilizadas as sistemáticas de extensão e de pesquisa, criei uma disciplina – BIO 162 Sexualidade e Educação, logo encampada pelo Colegiado de Ciências Biológicas e depois pelo de Pedagogia e de outras licenciaturas.

Compunha o programa, em constante atualização, as seguintes temáticas: sexualidade e gênero – abordagem conceitual e histórica, aspectos biopsicossociais da sexualidade, identidade e relações de gênero, gênero e poder, diversidade sexual e de gênero, feminilidades e masculinidades, direitos sexuais, sexualidade na infância, adolescência, idade adulta e terceira idade, resposta sexual humana, disfunções, desvios e inadequações sexuais, o exercício da sexualidade em situações especiais, mitos, credices e tabus sexuais e de gênero, discriminações e violências sexuais e de gênero, infecções sexualmente transmissíveis e AIDS, educação sexual na escola, o papel da/o professor/a e projetos de educação sexual.

A abordagem metodológica sempre foi diversificada procurando atender a particularidades de quem cursava: exposições participadas, estudos de caso, seminários, a elaboração de uma produção teórica – artigo, ensaio ou resumo comentado de uma obra, cuja temática fosse pertinente aos objetivos da disciplina e uma produção criativa

⁵Maria Theresa de Medeiros Pacheco, Lilia Maria de Azevedo Moreira, Antonio de Souza Batista, Valquíria Quintas de Assis, Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Vicente Deocleciano Moreira, Maria Paqueta Moreira Barbosa, Izolda Nunes Guimarães, Ilma Carvalho Nunes, Dalva Nazaré Ornelas França, Kênia Costa Pinto dos Anjos, Márcia Maria Borges Gomes, Lúcia Angélica de Fontenelle, Glória Regina Baracho e Lúcia Ito de Oliveira.

(poemas, histórias e histórias em quadrinhos, maquetes, dinâmicas, músicas, dramatizações e painéis, dentre outras) visando o aprofundamento de questões relativas aos objetivos propostos.

O desenvolvimento das ações extensionistas, de pesquisa e de ensino (todas com apoio irrestrito dos colegas integrantes do Departamento I – Biologia Geral) convergiram para a criação do PROEDSEX – Programa de Educação Sexual (FAGUNDES, 1995, p. 24), grupo devidamente registrado no Diretório de Pesquisas do CNPQ, contando com a participação de estudantes de graduação, de pós-graduação e de outros docentes da universidade.

Os princípios basilares do PROEDSEX foram:

- Todo programa de educação sexual precisa se fundamentar nos alicerces da vida do ser, marcada pelos registros inconscientes dos primeiros contatos e experiências. Deve estar atento ao que a família, consciente ou não de seu papel, cuidou de instalar e imprimir, repensando dimensões da sexualidade esquecidas, negadas ou distorcidas.
- A educação para a sexualidade deve considerar que para o indivíduo viver em plenitude no mundo que o cerca, é preciso estar sensibilizado para respeitar a si mesmo e aos outros, relacionar-se, ter responsabilidade, crer na vida e procurar vivê-la com prazer, conhecendo seus próprios direitos, inclusive o de ser feliz.
- A aprendizagem de conceitos só se processa quando ocorre de forma significativa para o sujeito; logo, é preciso que haja envolvimento e integração no grupo, considerando a metodologia participativa, em que o programa de atividades é construído pelos próprios sujeitos do processo.
- É preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade de seu ser na reinterpretação e reconstrução da realidade.



Fonte: PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL
Instituto de V Biologia – 1990/2009
(concepção Tereza Cristina P. C. Fagundes)

A base teórica fundante de suas ações constituía-se, principalmente em:

Margareth Mead, Elizabeth Badinter, Simone de Beauvoir, Freud, Master & Johnson, Kaplan, entre outros. Para os projetos de educação sexual, a inspiração partiu dos trabalhos de Maria

Amélia Goldberg, Carmem Barroso & Cristina Bruschini, Nelson Vitiello, Ricardo Cavalcante, Marcos Ribeiro e Vilma de Souza. Gradativamente os enfoques foram se ampliando com os estudos de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Joan Scott, Thomas Laqueur, Jeffrey Weeks, Heleieth Saffioti e, mais recentemente, os estudos de Judith Butler, Richard Miskolci, Guacira Louro e outros autores e autoras que desenvolvem estudos no contexto da Teoria Queer, estudos pós-coloniais e Teoria Feminista, cujas contribuições ao estudo da sexualidade são imprescindíveis para a construção de um corpo teórico que instrumentalize docentes e outros profissionais para a abordagem da temática de modo consistente e incluyente (FAGUNDES, 2016, p. 243).

Em consonância aos projetos desenvolvidos no Instituto de Biologia, no campo da sexualidade e gênero, havia, na UFBA, o NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, criado em 1983. Consultando o acervo de sua biblioteca e participando de suas ações de Ensino, Pesquisa e Extensão, fui me apropriando, aos poucos, das temáticas: relações hierárquicas de gênero, poder, identidade e condição feminina, diversidade, violência sexual e de gênero, dentre outras. Com prazer, ao ter o NEIM se tornado Órgão Suplementar da Universidade, fui designada pelo Magnífico Reitor Felipe Serpa como sua representante junto a este órgão.

Em âmbito nacional e internacional, passei a integrar a SBRASH – Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, a FLASSES – Federación Latinoamericana de Sociedades de Sexología y Educación Sexual e a WAS - World Association for Sexual Health. A participação em congressos realizados por essas associações quer como ouvinte, quer apresentando trabalhos, coordenado mesas e integrando comissões organizadoras, permitiu a socialização de nossas pesquisas e experiências bem como a publicação de trabalhos que traduziam o que era feito no PROEDSEX.

Compartilhar e socializar as experiências do PROEDSEX da UFBA foi uma constante durante seu funcionamento, através de apresentações orais e publicações como, por exemplo, Fagundes (1992, 1993, 1995 a e b, 1996, 2001 e 2015).

Dialogando com Tereza Fagundes (CRUZ, 2023), vejo como nossas vidas, embora vividas em espaços geográficos diferentes, parece que sempre estiveram entrelaçadas. No início da redemocratização do nosso país, após 21 anos de ditadura civil-militar, eu era uma estudante do ensino médio, naquela época denominado de Segundo Grau, que começava a se preocupar com questões relativas à vida política do país. Mas também fazia teatro, participava de coral, enfim, vivia a minha vidinha de adolescente,

na pacata Belém dos anos oitenta, ainda no século XX. As preocupações a que me referi se materializaram na participação nas eleições do grêmio estudantil do meu colégio, apoiando uma chapa que considerava mais progressista chamada “Nova República” ou, como a ela se referia um querido e sarcástico amigo “New Réplica”. Ele era bem mais atento à política mais geral do país e, me alertava para algumas armadilhas do discurso político que só fui compreender um pouco mais à frente.

Ingressei na Universidade Federal do Pará em 1987, aos 18 anos de idade, para cursar Licenciatura em Ciências Biológicas e, de início, logo me engajei em atividades políticas (centro acadêmico, executiva norte do encontro nacional de estudantes de biologia – ENEB, entre outras). Em 1989, ainda como estudante de graduação, comecei um estágio remunerado em uma escola privada que atendia crianças da educação infantil até o ensino fundamental. E foi nessas primeiras experiências como docente, ainda em formação, que as questões sobre sexualidade começaram a surgir, a partir de demandas das crianças com as quais eu trabalhava em uma escola chamada Arapitanga⁶.

As vivências com as crianças pequenas (mais ou menos de 2-3 anos até os 10-11) me trouxeram questionamentos profundos sobre a minha formação docente. Eu tinha sido aluna da professora Ana Tancredi, que foi a proprietária do Arapitanga no período anterior ao meu ingresso como estagiária, na UFPA. Naquele momento, 1989, eu iniciava minha carreira profissional/acadêmica no campo da educação, que seria sempre pautada pelas discussões sobre as sexualidades, educação sexual e posteriormente incluiria os debates sobre a produção das identidades de gênero e seus impactos na vida das pessoas.

Como já relatado em outra publicação (CRUZ et al, 2023), foi a partir de questionamentos de estudantes sobre temas que envolviam as diferentes manifestações das sexualidades, que comecei a questionar a minha formação como futura docente de Ciências e Biologia, que não incluía, até aquele momento, nenhuma formação sobre educação sexual, gênero, sexualidades ou qual quer coisa parecida:

Minha preocupação com a formação docente no campo dos gêneros e das sexualidades remonta às minhas experiências como docente da educação básica. Logo no início da minha atuação como professora de ciências em uma escola de ensino fundamental, comecei a me deparar com os questionamentos das crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade. As risadas e rostos

⁶ Arapitanga, em língua dos nossos povos originários significa Mundo da Criança.

envergonhados que eu via nas minhas aulas sobre o sistema reprodutor e uma experiência em uma escola Montessoriana na qual eu trabalhei logo no início de carreira (na verdade, ainda como estudante de Ciências Biológicas) me provocaram reflexões importantes sobre requisitos para minha atuação como futura professora de ciências e Biologia (CRUZ et al, 2023 p.131).

Eu, lá em Belém do Pará era, naquele momento, exatamente aquele modelo de professora com o qual Tereza estava começando a trabalhar, aqui em Salvador, no início dos anos de 1990. Nosso encontro começava a se delinear, antes mesmo de acontecer concretamente. Tempos depois, eu já morando em Salvador e trabalhando nas Redes privada e Estadual de ensino, conheci Tereza Fagundes através dos cursos de formação de professores em sexualidade. Eu, que já vinha refletindo sobre as dificuldades enfrentadas por docentes de Ciências e Biologia para atender às crescentes demandas de estudantes em relação a uma educação para as sexualidades, finalmente encontrava um canal de diálogo. Conheci o PROEDSEX e fiquei encantada. Era final da década de 1990, e eu estava tentando retomar minha carreira acadêmica, mas ainda meio confusa sobre o tema de pesquisa. Afinal, eu ainda era uma professora “com cabeça de bióloga”. Participei com muita intensidade do curso e, posteriormente, através da indicação de Tereza, fui procurar a Prof^ª. Ana Alice Costa, no NEIM, para conversar sobre a possibilidade de cursar, como aluna especial, a disciplina Gênero e Poder, que Ana ministrava no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

O diálogo com Ana Alice aconteceu mais ou menos assim:

— Você vem da Biologia né?

— Sim

— Você pode vir fazer a disciplina. Mas, vai ter que estudar MUUUUITO!

— Sim, sim! Eu vou estudar!

E corri para fazer a minha matrícula como aluna especial. Quando ela falou que me aceitaria, disfarcei um pouco, mas, na verdade, saí dali pulando de alegria. Afinal de contas, eu finalmente iria retornar às minhas atividades acadêmicas. E, melhor que isso, em uma área nova, para mim, e que estava me despertando um enorme interesse e desejo de aprender. Aquele encontro foi muito mágico!

GEFIGE – Filosofia, Gênero E Sexualidades: Um Debate Mais Do Que Necessário Nos Programas De Pós-Graduação Em Educação

O GEFIGE, Grupo de Estudo em Filosofia, Gênero e Educação, no final dos anos 1990 e primeira década dos anos 2000, constitui-se em grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação / Mestrado e Doutorado, em decorrência da ampliação do NUFIHE – Núcleo de Filosofia e História da Educação, também devidamente registrado no Diretório de Grupos do CNPQ.

Dele faziam parte professoras e professores e estudantes do mestrado e doutorado⁷ que, sistematicamente, compartilhavam seus estudos e pesquisas, recebendo, em troca, questionamentos e sugestões para a construção das dissertações e teses. Essa prática de discutir colaborativa e afetuosamente os trabalhos das pessoas do grupo, fornecendo suporte emocional e também acadêmico, dialoga fortemente com a perspectiva de Jaggar (1997) sobre as relações entre amor e conhecimento, em que, ao contrário do que se tem propagado, principalmente nos discursos sobre a dita “Ciência Moderna”, as emoções não constituem nenhum empecilho para o desenvolvimento intelectual. Nossas experiências, tanto no PROEDSEX, quanto no GEFIGE e mais recentemente, no CIGE-NEIM evidenciam que as relações de amor, cuidado, solidariedade e partilha, fecundam lindamente a nossa razão.

Meu encontro com o GEFIGE (CRUZ) se deu no período do mestrado, sob a orientação da Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza, com quem hoje tenho o prazer de dividir a coordenação do CIGE (Grupo de Pesquisa em Gênero, Ciência e Educação), vinculado ao PPGNEIM/UFBA. Nas reuniões do GEFIGE, como já foi narrado por Tereza, apresentávamos os nossos projetos, estudávamos textos, mas, principalmente

⁷ Elizete Silva Passos, Cipriano Carlos Luckesi, Luiz Henrique Dias Tavares, Marli Geralda Teixeira, Joseânia Miranda Freirtas, Ana Palmira Bittencourt Cassemiro, Antonio Roberto Seixas da Cruz, Edlamar Leal Souza Cavalcanti, Elen Melo, Claudia Regina Vaz Torres, Simone Tereza da Costa e Silva Franco, José Carlos de Araújo Silva, Maria Auxiliadora Fidelis Barbosa, Marta Maria Leone Lima, Débora Kelman de Lima, Carmem de Britto Bahia, Maribel Oliveira Barreto, Anabela Silva Queiroz, Tereza Cristina de Oliveira, Jane Luci Ornelas Freire, Maria Emília Sardelich, Maria Rosália Correia Dias, Liane Soares, Rosemary Lacerda Ramos, Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Karina Nery Embirussu, Rosa Maria Neder, Tatiane de Lucena Lima, Sheila de Quadros Uzeda, Alessia Cravo, Alexnaldo Teixeira Rodrigues, Maria José Souza Pinho, Rita de Cássia Costa Moreira, Francisco Leal de Andrade.

compartilhávamos afetos, dúvidas e questões comuns entre pessoas que estão construindo conhecimentos. Dentre as nossas produções acadêmicas coletivas no GEFIGE podemos destacar as publicações de cadernos de pesquisa, jornais e a organização da trilogia: “Ensaio sobre Gênero e Educação”, “Ensaio sobre Identidade e Gênero”, e “Ensaio sobre Educação, Sexualidade e Gênero” (FAGUNDES, 2001, 2003 e 2005) contando com a autoria de estudantes e docentes do mestrado e do doutorado, orientandos/as e orientadoras/es, que mantinham, entre si, relações de parceria na produção de saberes sobre gênero, filosofia e educação.

NEIM – Costurando Com Linhas Macias, Coloridas, Fortes E Resilientes Os Estudos E Pesquisas Em Gênero, Sexualidades E Educação Na UFBA E Na Bahia

Os aprendizados construídos ao longo das interações entre os três grupos foram sempre subsidiados pelas epistemologias feministas, em especial aquelas que apresentam uma crítica à Ciência Moderna⁸ que, segundo Paolo Rossi (2001):

[...] não nasceu na tranquilidade dos *campus* ou do clima um tanto quanto artificial dos laboratórios de pesquisa ao redor dos quais, mas não *dentro* deles (como acontecia desde séculos e ainda acontece nos conventos) parece escorrer o rio ensanguentado e lamacento da história. E isso, por uma simples razão: porque aquelas instituições (no que concerne àquele saber, que denominamos “científico”) não tinham nascido e porque aquelas *torres de marfim*, utilizadas com tanto proveito e tão injustamente insultadas no decorrer do nosso século, não tinham sido ainda construídas pelo trabalho dos “filósofos naturalistas”. (ROSSI, 2001 p.9)

Digo isso, para situar a crítica feminista em relação à historiografia, considerando que existem diferentes visões nesse campo de estudo, sobre o que seria a dita “Ciência Moderna”.

Assim, trago o suporte da perspectiva feminista do *Stand Point* a partir da qual dialogo com autoras como Sandra Harding (1998), Donna Haraway (1995), Diana Maffia (2001), Evelyn Fox Keller e Helen Longino (1996), que conheci a partir das vivências com o NEIM em diferentes momentos da minha carreira profissional. O contato inicial

⁸ Aqui entendida na visão de Paolo Rossi (2001).

foi como aluna da disciplina Gênero e Poder, ministrada pela prof^a Ana Alice Costa. Nesse momento, eu, que vinha da Biologia, sofri uma verdadeira transformação no meu modo “biológico” de encarar a vida e, obviamente, nas minhas concepções sobre ciência e sociedade.

As primeiras leituras foram bem desafiadoras. Era bem difícil passar de textos da área das ciências biológicas, consideradas ciências “duras” para os textos da filosofia, sociologia, história, consideradas de modo pejorativo, como “ciências moles”. Para mim não foi nada “mole”. O esforço intelectual envolvido necessitava de um verdadeiro giro epistemológico, na minha forma de ler, ver e pensar o mundo. Mas o apoio intelectual e afetivo de Ana Alice foi fundamental. Lembro que eu ia para as aulas dela com os textos, na maioria das vezes, lidos, porém, muito pouco compreendidos. E, naquele momento, em que eu estava tentando retomar a minha carreira acadêmica, isso era muito desestimulante. Sentia-me incapaz de aprender tantas coisas novas. Mas, ao chegar às aulas, tudo se transformava. Porque Ana se dirigia diretamente a mim e perguntava:

— Leu o texto?

Ao que eu respondia:

— Li. Mas não entendi nada!

E ela pacientemente, se dirigia ao quadro de giz e me explicava os principais conceitos. Nesses momentos eu me re-energizava e voltava para casa e para a minha rotina de professora com um filho de 10 anos e grávida do segundo filho, tendo que dar conta das rotinas da casa, do trabalho e do cuidado com os filhos, mas que sentia que podia retomar sua carreira acadêmica. Porque eu estava no NEIM, e lá as mulheres professoras, apoiavam as mulheres estudantes- mães-trabalhadoras, que tinham um sonho de retomar suas carreiras e a pesquisa acadêmica, como eu estava começando a fazer. E assim acolhendo, formando, especializando, construindo “laços” e saberes o NEIM –



Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher⁹ cresceu tendo como suporte as epistemologias feministas¹⁰. Como temos em sua apresentação no site (NEIM, 2023)¹¹:

Criado em maio de 1983, como núcleo então vinculado ao Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, o NEIM se destaca não apenas por ser o núcleo de estudos feministas mais antigo do país, como também por sua atuação marcante e continuada na promoção de uma série de atividades nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo sempre em vista a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero hierárquicas, predominantes em nossa sociedade, e da conseqüente especificidade da condição feminina.

No âmbito nacional tal reconhecimento materializa-se com a criação do programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), o primeiro nessa temática no país e na América Latina.

Em 2009, mais um passo foi dado no avanço dos estudos nessa área com a criação do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade com concentração em Políticas Públicas [...]. Trata-se de uma graduação que visa à formação de profissionais que possam atuar na área de Gênero e Diversidade (raça/etnia, geração, direitos sexuais e outras desigualdades sociais) no planejamento, execução e avaliação de políticas públicas.

De forma sucinta este é o perfil do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, conquistando ao longo dos anos o reconhecimento da sociedade local, nacional e também internacional.



Imagem acessada no google

Desde 2012 faço parte do Grupo de pesquisa em Ciência, Gênero e Educação, o nosso CIGE, que está vinculado ao NEIM e ao PPGNEIM. Originalmente era uma linha

⁹ Fundadoras do NEIM: Ana Alice Alcântara Costa, Alda Brito da Motta, Cecilia Maria Bacelar Sardenberg e Elizete Silva Passos.

¹⁰ O termo Epistemologias feministas é aplicado a um conjunto heterogêneo de trabalhos que abrange uma ampla gama de posições, tanto em termos de epistemologia quanto de feminismo. O que todas elas têm em comum é o questionamento de certos pressupostos básicos da epistemologia tradicional, que podem ser resumidas na defesa de que não é possível uma teoria geral do conhecimento que ignore o contexto social do sujeito cognoscente (CÁCERES; MAYO, 2005).

¹¹ Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/apresentacao/>. Acessado em 20 out.2023.

de pesquisa do NEIM e atualmente se estrutura como um grupo de pesquisa vinculado ao NEIM e que tem relação com a linha de pesquisa de mesmo nome, do PPGNEIM. Recentemente, em 2018 assumi a liderança desse grupo, juntamente com a professora Ângela Maia Freire de Lima e Souza. O grupo foi registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, em 2020 e atualmente possui três linhas de pesquisa: Currículo, sexualidades e pedagogias feministas, Gênero, ciência e tecnologia e História das mulheres, gênero e ciência e 13 pesquisadoras e pesquisadores, além de estudantes de graduação e pós-graduação. Dentre as pesquisadoras, temos professoras da comunidade externa da UFBA que participam de pesquisas e atividades de extensão desenvolvidas em escolas da educação básica.

Além do CIGE, que está vinculado à linha de pesquisa Gênero, Ciência e Educação do PPGNEIM, o NEIM conta com a participação de vários outros grupos, que se articulam através do diálogo da coordenação geral do NEIM com as líderes dos grupos e com as próprias pesquisadoras desses grupos em diferentes ações, de cunho político e acadêmico.

Um Laço Pra Segurar O Bordado, Mas Não Necessariamente Encerrá-Lo

Refletindo sobre a relação tempo/espço/memória/afetos, cuja uma das dimensões se materializa na necessidade de finalizarmos esse texto, trazemos nossas in(conclusões) ou reflexões finais, como ‘um laço para segurar o bordado, mas não necessariamente encerrá-lo’, sobre essa bela trajetória que ainda estamos partilhando juntas.

Parafraseando Elizete Passos ao escrever a apresentação do livro “Ensaio sobre Identidade e Gênero” (FAGUNDES, 2003, p.11)

Ver pessoas que seguem essa trilha [...] é uma alegria e esperança. Esperança que o processo não seja interrompido, que novas pesquisadoras [...] sigam caminhos abertos com tantas lutas por (principalmente) mulheres que visível ou invisivelmente nos legaram uma perspectiva de vida nova, de sociedade mais justa e menos desigual [...] a fim de oportunizar as mudanças que ainda se encontram em processo, mas ainda distantes do destino que precisa alcançar.

Para mim (CRUZ), fazer parte de toda essa linda história do NEIM é motivo de muita alegria e orgulho, mas também me traz um grande sentido de responsabilidade e

compromisso. E, na perspectiva de quem está vinculada formalmente ao NEIM, como pesquisadora, desde 2018, tendo inclusive assumido a coordenação deste núcleo no período de julho de 2021 a junho de 2023, as alegrias e desafios vem se entrelaçando cotidianamente. Meu compromisso com as lutas feministas tanto do ponto de vista político, quanto acadêmico, só tem se consolidado ao longo destes anos.

Eu nasci em Belém do Pará, mas vim para a Bahia há 30 anos, e desses 30 anos de Bahia, considerando todos os fios que venho tecendo tanto profissionalmente, quanto na minha vida política e pessoal, parafraseando a nossa querida Simone de Beauvoir, o NEIM sempre esteve presente. Já são 25 anos de relacionamento. Eu e o NEIM estamos fazendo Bodas de Prata. E, por isso, eu posso dizer como palavras finais dessa escrita, utilizando os versos de Gilberto Gil, que eu nasci no Pará, mas, certamente do ponto de vista da minha carreira profissional, foi “a Bahia e o NEIM que me deram régua e compasso”.

Portanto, celebrar os 40 anos de NEIM, é também celebrar a minha carreira profissional. Gratidão imensa a todas as pessoas que compõem e/ou em algum momento fizeram parte do NEIM. Minha vida está irremediavelmente ligada a este Núcleo, e eu estou e estarei sempre aqui para construí-lo.

Também para mim (FAGUNDES), celebrar os quarenta anos do NEIM, resgatando experiências, vivências e vínculos com o PROEDSEX - Programa de Educação Sexual e o GEFIGE – Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação, é reviver e celebrar a nossa própria história pessoal, acadêmica e profissional.

Esse artigo é, em última instância, uma declaração de amor. Não um amor romântico e idealizado, mas um amor maduro, de quem se decepciona, sente raiva, mas sempre volta a amar. Porque acredito no amor, na perspectiva de Jaggar (1997), e também de bel hooks (2021), no amor que é mola propulsora da vida e, portanto, é mais que um sentimento, é também uma ação transformadora. Vamos juntas, eu, Tereza e todas as outras pessoas interessadas em construir um mundo mais justo e amoroso para nós, em homenagem às que já se foram e como um legado para as pessoas que virão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Edição Atualizada. Brasil 2000 / 2001. Disponível em http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf. Acesso em 12 Out. 2023.

CÁCERES, Maricela G.; MAYO, Augusto R. P. Las Espistemologías Feministas y la Teoría de Género. Cuestionando su carga ideológica y política versus resolución de problemas concretos de la investigación científica. **Cinta de Moebio**, núm. 22, marzo, 2005, p. 0. Universidad de Chile, Santiago, Chile. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10102207>. Acesso em 13 Mar. 2024.

CRUZ, Izaura S. **Educação Sexual e ensino de Ciências: dilemas enfrentados por docentes do ensino fundamental**. Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação. Disponível em: https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/dissertacao_izaura_santiago_da_cruz.pdf. Acesso em 19 Out. 2023.

CRUZ, Izaura S. Educação sexual na Bahia nas primeiras décadas do século XX. **Tese de Doutorado**. Programa de Ensino, filosofia e História das Ciências. UFBA/UEFS, 2017. Disponível em: https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/tese_-_izaura_santiago_da_cruz.pdf. Acesso em 19/10/2023.

CRUZ, Izaura S.; PINTO, Zaineide S., VILAS-BÔAS NETO, Francisco R.; ARGOLLO, Manoela de Jesus S. Vivências entrelaçadas a partir de uma experiência de formação docente e Gênero e sexualidades. In: CARVALHO, Maria Eulina P.; MATA, Áurea Augusta R.; CARVALHO, Flávio José (Org.). **Educação, Direitos Humanos, Gênero e sexualidade**: incluindo múltiplas vozes. Curitiba: CRV, 2023 p.121-136.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Programas de Educação Sexual - uma experiência de integração universidade-comunidade. In: VI Congresso Latino Americano de Sexologia e IV Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, 1992, Belo Horizonte. **Anais do VI Congresso Latino Americano de Sexologia e IV Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana**, 1992.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Educação Sexual e Formação do Professor- Necessidade e Viabilidade. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, 4(2). 1993. p. 154-163.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Evaluation of methodological alternatives of the teacher training on sexual education. In: Isaac Charan. (Org.). **Youth, Love and Ecology**. 1ed. Bologna: Monduzzi, 1995a, v., p. 123-126.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. **Educação Sexual: construindo uma nova realidade**. Salvador: T.C.P.C Fagundes, 1995.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Educação e sexualidade - um programa de ação na UFBA. In: 4º Congresso Norte-Nordeste de Reprodução Humana, 1995, Salvador. **Anais**



do 4º Congresso Norte-Nordeste de Reprodução Humana. Salvador: CEPARH, 1995b. v. 4. p. 5.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Implantação da disciplina Sexualidade e Educação na UFBA. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Ed.Especial 2.1996. p. 131-134.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Programa de Educação Sexual da UFBA - uma experiência de integração dos três níveis de ensino das funções básicas da Universidade. In: **8º Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana**, 2001, São Paulo, 2001.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. (Org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA - Pró-Reitoria de Extensão, 2001.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. (Org.). **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. (Org.). **Ensaio sobre Educação, Sexualidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2005.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Educação Sexual no Brasil – história de uma experiência bem sucedida. In: RODRIGUES Jr. Oswaldo Martins (Org.) **Histórias das Sexologias Brasileiras**. São Paulo. 2015. p. 285-300.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C.; PINHO, Maria José Souza; MOREIRA, Rita de Cassia Costa. Formação de Educadoras/es Sexualidade e Gênero. In: DIAS, Alfrancio Ferreira; Santos, Elza Ferreira; Cruz, Maria Helena Santana. (Org.). **A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas**. 1ed. Aracaju-Sergipe: Editora de Universidade Federal de Sergipe, 2016, v. 1, p. 240-255.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

hooks, bel. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephani Borges. São Paulo: Elefante, 2001.

JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO; Susan R. Bordo [editoras] **Gênero, corpo, conhecimento**; tradução de Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.157-185.